3. OS RECIPIENTES DE CERÂMICA: MORFOLOGIA E PERIODIZAÇÃO

> "Quanto aos recipientes em que se preparam as comidas, os melhores, se fossem acessíveis (pelo preço) e a lei islâmica o permitisse, seriam os de ouro e, depois deles, os de prata. No entanto, devido à proibição que pesa sobre estes recipientes, os melhores são os de argila e os de louça vidrada"
>
> (TRATADO DOS ALIMENTOS, E 147r)

3.1. Introdução

Como indica o próprio *Tratado dos Alimentos*, entre os artefactos de uso quotidiano são os de cerâmica, sejam ou não vidrados, os mais utilizados na preparação dos alimentos. As cerâmicas são, precisamente, os melhores e mais abundantes documentos registados pelo arqueólogo e que servem, ao mesmo tempo, como "um elemento de datação dos níveis onde são descobertos (...), um documento tecnológico (...), um testemunho das condições sócio-económicas (...), e um meio de aproximação das estruturas culturais da época do seu fabrico e da sua utilização" (BAZZANA, 1979: 135).

Porque as cerâmicas correspondem à maioria dos registos arqueológicos fornecidos pelas prospecções e pelas escavações que realizei no Algarve Oriental, é indispensável ter em consideração, ainda que em forma de síntese, algumas das suas principais características. Como já referi para vários aspectos do povoamento, parece tornar-se cada vez mais evidente que o século VIII não marcou um corte com as tradições anteriores. Pelo contrário, manteve-se um forte peso dos hábitos locais e regionais que se reflectiu também nas produções de cerâmica, cujas formas revelam uma forte afinidade com as suas antecedentes visigóticas.

Recuando ao período que decorre entre meados do século V/VI e a primeira fase do período omíada, emiral ou paleoandaluza, deve apontar-se, por um lado, a continuidade da circulação da *sigillata* tardia durante o século VI e, por outro, a sobrevivência das cerâmicas de fabricos grosseiros, locais e regionais, que, predominando a partir do período visigótico, se mantêm praticamente com as mesmas características durante os primeiros tempos de presença muçulmana, em que se notam também algumas influências bizantino/omíadas, sobretudo nos tipos de decoração incisa e pintada e no aparecimento de novos fabricos, em pastas claras bem depuradas.

Embora o leque de formas seja ainda bastante reduzido, parecem evidenciar-se, para o território em estudo, a partir dos contextos estratigráficos observados principalmente no Castelo Velho de Alcoutim, algumas inovações tipicamente omíadas: surgem algumas cerâmicas de pastas esbranquiçadas, com caneluras e decorações a óxido de ferro; aparecem os primeiros vidrados de chumbo transparente, verde opaco ou castanho chocolate sobre decoração incisa e impressa; e alguns fragmentos de pucarinhos e pucarinhas, de colo alto, com caneluras.

A maior variedade morfológica e técnico-decorativa surgiu, sem dúvida, com o estabelecimento do califado de Córdova e a ampla divulgação das cerâmicas decoradas a verde e manganés. Também a partir do século X se começam a difundir as cerâmicas com vidrado monocromo de cor melada, decoradas a óxido de manganés, e as produções de corda seca que se mantêm principalmente durante o século XI.

A partir do século XII, com o estabelecimento dos impérios almorávida e almóada, notam-se ainda algumas sobrevivências de técnicas decorativas anteriores, sobretudo nas pinturas a branco sobre superfícies não vidradas e nos vidrados melados com decoração a óxido de manganés. Mas começa a evidenciar-se o predomínio de vidrados monocromos, acastanhados e esverdeados, assim como a difusão de novas decorações como, por exemplo, o esgrafitado e o estampilhado.

3.2. Sinopse sobre as cerâmicas tardo-romanas e visigótico/emirais

Como já referiram vários autores, nomeadamente Manuel Real (1992: 1, 1995: 21-31), paralelamente a um forte peso da tradição local, os factores de inovação cultural ocorridos durante a Antiguidade tardia não terão sido mais do que infiltrações a partir das rotas já estabelecidas durante o Baixo Império, presentes no tipo de arte e arquitectura, assim como na circulação das cerâmicas. A própria ocupação bizantina do Sul peninsular pode também encarar-se sob o ponto de vista de uma série de factores sócio-económicos a que já aludiram, entre outros, Garcia Moreno (1972, 1973 e 1975), Salvador Ventura (1986) ou Vallejo Girvés (1993). Para o seu domínio na Península deve ter contribuído igualmente a acção dos comerciantes orientais estabelecidos nas principais cidades do litoral da Cartaginense, da Bética e da Lusitânia, neste caso nomeadamente em Ossónoba e em Mértola. De facto, podemos aceitar a hipótese de Salvador Ventura (*ibid.*: 69-78) quando afirma que os Bizantinos reforçaram o desenvolvimento das relações comerciais entre o Ocidente e o Oriente e, ao mesmo tempo, protegeram as comunidades orientais estabelecidas nesses centros urbanos.

Seguindo este raciocínio, pode considerar-se que a quebra do comércio mediterrânico surgiu a partir do momento em que se agravaram as lutas entre Visigodos e Bizantinos e se deu a total unificação visigoda, após a expulsão bizantina das cidades portuárias meridionais. Neste contexto se poderá compreender a diminuição de importações de *sigillata* a partir da segunda metade do século VI, embora em algumas regiões ela continue em circulação até inícios do século VII.

A partir da abundante documentação arqueológica já publicada, podem constatar-se múltiplos exemplos de importações de *sigillata* tardia, nomeadamente para várias regiões da Europa mediterrânica. No entanto, convém destacar um estudo recente, resultante do trabalho colectivo da associação C.A.T.H.M.A. (1991: 27-47), sobre as importações examinadas em diversos locais do Sul de França. Para esta região tem-se vindo a comprovar a presença de *sigillata* clara africana e de *Late Roman C Ware* (*sigillata focense tardia*), assim como a de grandes ânforas cilíndricas, em contextos que, sendo ainda maioritariamente do século VI, também se verificam no século VII, embora em menor quantidade.

Em relação ao nosso território, foram principalmente Maria Maia (1974) e Manuela Delgado (1975, 1988, 1992) que se debruçaram sobre a distribuição da chamada *Late Roman C Ware*, recentemente integrada no grupo da *sigillata focense tardia*, a partir de achados provenientes, respectivamente, de Tróia de Setúbal e de Conímbriga. Também em Mértola se registou um considerável número de fragmentos procedentes da Fócia e um de fabrico cipriota (DELGADO, 1992: 125-133). Abunda a forma 3 da *sigillata* focense que, juntamente com a 2 cipriota, "podem ser consideradas as formas típicas do período de apogeu destas duas produções, compreendido entre os meados do século V e os meados do século VI" (*ibid.*: 132). A partir do quadro de distribuição da *sigillata* tardia focense apresentado por Manuela Delgado (1988: 45) podemos também verificar que são incluídos quatro locais do Algarve, já anteriormente indicados por Maria Maia (1974: 333-341): fragmentos recolhidos em Torre de Ares (Balsa), em Marim, em Loulé Velho e no Cerro da Vila. A esta distribuição, podem acrescentar-se outros achados mais recentes, recolhidos no Montinho das Laranjeiras, Alcoutim (escavações dirigidas por Justino Maciel), na Quinta do Lago (escavações dirigidas por Ana Arruda) e na Torrinha, em Salir (ambas no concelho de Loulé).

Embora nas prospecções que realizei no Algarve Oriental se note um predomínio de *sigillata* clara D produzida no Norte de África, alguns fragmentos, praticamente sem engobe, podem ter pertencido também a cerâmicas produzidas no Médio Oriente. Destacam-se os achados da *villa* romana da Torrinha (Coord. UTM - X- 5.83.9, Y- 41.22.5), localizada a pouca distância

do Castelo de Salir, cerca de 750 m para poente, e numa elevação que atinge 209 m de altura máxima.

As recolhas de superfície que efectuei no local forneceram grande quantidade de espólio que abrange praticamente desde inícios da romanização (*sigillata* itálica e sudgálica), até a uma fase muito tardia, provavelmente visigótica, a que podem corresponder as cerâmicas grosseiras, com pastas e superfícies de cor ocre acinzentado e alaranjado, com formas fechadas de acentuado perfil em S, por vezes com aplicações plásticas no colo, e alguns fragmentos de grandes malgas e de sertãs de fabrico manual/torno baixo.

Entre as cerâmicas romanas tardias, para além de *sigillata* clara D e fragmentos que, devido ao péssimo estado de conservação, são impossíveis de classificar, encontram-se também fragmentos de *sigillata* focense tardia. Destaca-se um bordo que permite reconstituição do perfil: apresenta uma pasta fina e bem depurada de cor alaranjada e superfícies com engobe vermelho alaranjado; os bordos boleados e direitos têm um espessamento na extremidade inferior, onde são decorados com guilhoché pouco profundo. Pelas suas características, semelhantes a alguns dos bordos provenientes de Mértola, poderão integrar-se na forma 3 de Hayes.

Quanto às produções de cerâmica comum, mais difícil de interpretação cronológica, por serem fabricos locais, têm sido objecto de várias publicações resultantes de escavações, principalmente de cidades, como Arcávica e Recópolis, ou de mosteiros, como o de Santa Maria de Melque. Para os registos, em contextos rurais e urbanos, situados no Levante espanhol, merecem referência os trabalhos de Enrique Llobregat (1985), Paul Reynolds (1986, 1993) e Sónia Gutierrez Lloret (1986, 1987, 1988a, 1993a, 1996). De especial importância se reveste também o trabalho conjunto, do grupo C.E.V.P.P. (1991: 49-67), onde se sistematizam as produções cerâmicas compreendidas entre os séculos V e IX, procedentes de várias escavações. Neste estudo, torna-se particularmente interessante o facto de se poderem observar produções totalmente manuais, quase exclusivamente entre o grupo das cerâmicas de Alicante e do Sudeste espanhol.

Ao estudar as cerâmicas paleoandaluzas do Sul de Alicante, Sónia Gutierrez Lloret (1988, 1996) distingue dois períodos. O primeiro vai da segunda metade do século VI (a partir de 552, data da presença dos Bizantinos) ao século VIII, incluindo os inícios da ocupação muçulmana; o segundo corresponde ao período islâmico antigo, entre o século VIII e a primeira metade do século X.

Quanto às cerâmicas do primeiro período, considera que só a partir do último quartel do século VI deixam de ser significativas as importações de *sigillata*. Nos finais deste século, verifica-se uma recessão económica nesta região, que esteve sob o domínio dos Bizantinos até 625, data da conquista de Cartagena, momento a partir do qual se integra no governo visigodo (*ibid.*, 1988: 17-18).

Se desde finais do século VI se constata uma quebra de importações de *sigillata* africana, neste século e no seguinte predominam as cerâmicas grosseiras fabricadas manualmente ou a torno baixo de rotação irregular. A mesma autora conclui que, para a área abrangida pelos Bizantinos e integrada no futuro reino de Teodomiro, "a cerâmica feita à mão adquire grande importância, pois se bem que já desde o século V, e finais do século IV, aparece frequentemente, é agora quando alcança os níveis de mais alta imperfeição, assemelhando-se às produções da Idade do Bronze, com as quais frequentemente se confunde. Nos sítios do século VII, praticamente toda a cerâmica está produzida manualmente, sem torno baixo ou *torneta*" (*ibid.*, 1988: 247-248).Para o Sul do actual território de Portugal, desconheço, até ao momento, a existência de panelas (*marmitas*) e de caçoilas (*cazuelas*) manuais, com amplo diâmetro de abertura, das séries M1, M2, M3, M4 e M7 de Gutierrez Lloret (1996: fig. 14-17 e fig. 20), assim como dos fogareiros cilíndricos, de forma sensivelmente tubular (*atanores*), integrados na série M9 (*ibid.*: fig. 22). Mas encontram-se as tampas planas e os pratos baixos, de corpo troncocónico invertido, fabricados manualmente, ou em torno baixo, registados em alguns dos povoados de altura prospectados e nos níveis mais antigos das escavações no Castelo Velho de Alcoutim e no Castelo das Relíquias. Nesta região, para o período visigótico/emiral, parecem predominar as cerâmicas relativamente grosseiras, de pastas pouco homogéneas, de tonalidades pardas ou ocres, acinzentadas e, mais raramente, alaranjadas, com um leque reduzido de formas, sobretudo potes, talhas e panelas de corpo globular, colo curto e perfil em S, por vezes decoradas com incisões ou com aplicações plásticas digitadas.

Tal como acontece em relação às cerâmicas visigótico/emirais do Sul peninsular, também no Oriente omíada, nomeadamente no Norte da Síria, na Palestina e na Transjordânia, o estudo das cerâmicas se reveste da maior importância para facilitar a análise dos momentos de passagem de um período a outro: "de que maneira se efectuou na vida quotidiana a passagem da soberania bizantina à dos Omíadas e, depois, Abássidas (...); como é que, enfim, ela pode traduzir um tipo de islamização na vida quotidiana" (SODINI e VILLENEUVE, 1992: 196).

As cerâmicas, indicadoras de sobrevivências e inovações no quotidiano, revelaram para estas regiões alguns fabricos que se mantiveram durante o século VII e VIII. No entanto, enquanto que algumas tendem a desaparecer nos finais do período bizantino, surgem novas formas e decorações a partir do período omíada, sintetizadas do seguinte modo (*ibid.*: 196-212):

1. os *dolia*, entre finais do século V, inícios do século VI, até finais de época bizantina, caracterizam-se pela decoração incisa no ombro, com bandas ondulantes, entrelaçadas ou ovaladas tangentes, continuando ainda a existir no

período omíada;

2. o fabrico de ânforas prolonga-se até ao período abássida, numa pasta escura com decoração pintada a branco; mas, em sítios que se desenvolvem a partir de época omíada e abássida, surgem principalmente as produzidas com pastas de cor clara;

3. a circulação de pequenos púcaros de uma asa mantém-se, desde o século VI até ao século IX/X, compreendendo apenas algumas alterações: dupla carena na base e no ombro, colo menos estreito e mais alto, fundo levemente abaulado;

4. os jarros trilobados, frequentes no século VI, por exemplo no Norte da Síria, sobrevivem também no período omíada e, depois, tendem a desaparecer;

5. os bules de pança globular, com bico tubular a partir do ombro, são substituídos progressivamente no fim do período omíada, por exemplares de pasta clara, com engobe creme, decorados com motivos simples, de pintura a óxido de ferro no bojo e traços horizontais na asa;

6. a pucarinha de duas asas é uma forma que surge desde o século VI, embora no século VIII se note que as pastas se tornam claras e as decorações aparecem feitas com excisões e volutas de pintura a branco. Algumas caracterizam-se já pelo pé anelar;

7. entre os recipientes para cozinhar alimentos, as panelas e as sertãs ou frigideiras, cuja produção parece durar do século VIII até ao século X, apresentam amplo diâmetro de abertura, paredes curvas ou quase rectas, bordos planos e asas horizontais em forma de pega. Por vezes, são decoradas com bandas em ziguezague, como acontece com os exemplares paleoandaluzes recolhidos no Levante espanhol;

8. as taças ou pequenas malgas expandem-se principalmente a partir do século VIII, decoradas com engobe branco no interior. No período omíada desenvolve-se a produção de taças de fundo plano, de pasta avermelhada e decoração com linhas onduladas pintadas a branco, ou de pastas claras com pintura a vermelho, em óvulos, linhas onduladas ou motivos geométricos mais complexos; outras começam a produzir-se com pé anelar, por vezes, decoradas com uma linha sinuosa no lábio;

9. os fabricos com vidrado e a molde surgem, aparentemente, em data posterior ao período omíada. Por volta de 800/850 divulgam-se estas cerâmicas, por vezes decoradas com aplicações na pasta.

Tomando como exemplo outras escavações realizadas na Síria, distinguem-se os sítios que tiveram uma ocupação compreendida num curto espaço de tempo, entre o período bizantino/omíada e o início do domínio abássida,

nomeadamente Déhès (Norte da Síria): no período de transição bizantino/omíada predominam as cerâmicas de pasta negra, vermelha e branca, são raras as peças pintadas e circula ainda alguma *sigillata* tardia; as cerâmicas omíadas caracterizam-se pela introdução de formas novas, como as marmitas com asas horizontais de pega aplanada, algumas com decoração incisa, e as candeias feitas a torno. Surgem também, sobretudo nas cerâmicas de pasta branca, novas técnicas decorativas, como linhas verticais incisas, bandas e ziguezagues verticais, nos jarros de base com pé anelar e com bico no bordo, assim como formas decoradas com bandas em ziguezague e palmetas incisas. Nas camadas de finais deste período, e de inícios do domínio abássida, surgem alguns vidrados transparentes ou de cor verde azeitona escura, em formas fechadas (ORSSAUD, 1992: 219--228).

Do mesmo modo, nas escavações do palácio de Amã, as cerâmicas da primeira metade do século VIII mostram ainda a presença da tradição bizantina e os novos modelos omíadas, com destaque para os fabricos em pastas claras rosadas, os engobes brancos e as decorações pintadas a vermelho (OLIVÁRRI--GOICOECHEA, 1985: 21-22, fig. 15, 16 e 18). Recipientes de grandes dimensões, como potes, talhas e alguidares podem apresentar decoração incisa a pente (*ibid.*: 22, fig. 17. 12). Só a partir dos períodos abássida e fatimida se divulgam as cerâmicas vidradas monocromas e as policromas (*ibid.*: 38-39). No castelo omíada de Umm-el-Walid confirma-se também que, entre as cerâmicas produzidas no século VIII, até à primeira metade do século IX, surgem as pucarinhas de duas asas, com pasta fina, clara, creme amarelada, decoradas com motivos geométricos vermelhos ou castanhos, com amplos paralelos (HALDIMANN, 1992: 229-232). Nas escavações de Pella, no norte do vale do Jordão, também se realçam, entre meados do século VII e meados do século VIII, as decorações incisas e pintadas (WATSON, 1992: 233-248).

Resumindo, se, durante os séculos VII e VIII, o período visigótico/emiral pode associar-se, na Península Ibérica, como acontece também na fase de transição bizantina para a omíada, no Próximo Oriente, ao desaparecimento da *sigillata* e ao predomínio das cerâmicas grosseiras, de cores ocre acinzentadas e avermelhadas, em al-Andaluz, provavelmente a partir da segunda metade do século VIII e, seguramente, desde o século IX, terão surgido as novas formas tipicamente omíadas. Destacam-se os fabricos de pasta branca e as decorações a óxido de ferro, uma realidade muito aproximada com a verificada no Oriente omíada, onde a introdução das cerâmicas vidradas parece ser apanágio do período abássida, com maior circulação a partir do século IX. Será também a partir desta época que devem ter começado a introduzir-se no Norte de África, nomeadamente em Ifríquia, e em al-Andaluz, embora a sua maior difusão, associada às produções peninsulares, se relacione com o apogeu do califado de Córdova.

3.3. A cerâmica islâmica no Algarve Oriental: metodologia de estudo

Torna-se ainda bastante difícil estabelecer classificações definitivas para as cerâmicas de todo o território de al-Andaluz, embora os trabalhos que se têm vindo a realizar em diferentes regiões demonstrem uma certa uniformidade morfológica e técnico-decorativa. Durante muitos anos, prevaleceu, nos estudos sobre cerâmica islâmica, uma preocupação fundamentalmente estética, mais própria da história de arte, em que se descreviam principalmente as técnicas associadas a fabricos considerados luxuosos. Esses estudos privilegiavam sobretudo certos fabricos, ligados a técnicas decorativas, nomeadamente a verde e manganés, em corda seca e com reflexo metálico, com base nos acervos museológicos e nas produções de Elvira, Medina Azahara, Valência, Teruel e Sevilha.

Desses estudos mais antigos destacam-se as obras de González Martí (1944), sobre as cerâmicas do Levante espanhol, o trabalho de Gómez Moreno (1951) e o de Luís Llubià (1968), sobre a *Cerâmica Medieval Espanhola*, no qual se nota já uma preocupação de classificação e periodização de algumas formas visigóticas, muçulmanas e dos reinos cristãos. Seguem-se, em 1972, o estudo sobre as características técnicas e decorativas das cerâmicas provenientes de Almeria (DUDA, 1972) e as produções de verde e manganés de Medina Azahara (PAVÓN MALDONADO, 1972).

Será, no entanto, apenas nos finais da década de setenta que surgem os primeiros grandes avanços nos estudos sobre cerâmica islâmica, a partir de trabalhos monográficos e regionais, com novas preocupações metodológicas, tipológicas e cronológicas. É Rosselló-Bordoy (1978), com a sua obra pioneira de sistematização, a partir das cerâmicas registadas em Maiorca, que elabora os primeiros modelos de nomenclatura e quadros crono-tipológicos, que têm vindo a ser utilizados por quase todos os investigadores. Distinguiu 17 tipos de recipientes cerâmicos, agrupados em formas abertas e formas fechadas e, para cada tipo, analisou a sua terminologia, procurando a raiz etimológica (latina ou árabe), fazendo corresponder, sempre que possível, com a castelhana, a catalã, a francesa e a inglesa. Mais recentemente (ROSSELLÓ-BORDOY, 1991), compilou uma nova proposta de terminologia e inventariou 114 vocábulos, com base nos documentos, para designar as respectivas peças de cerâmica, destinadas às diversas actividades quotidianas.

Por seu turno, Bazzana (1979: 135- 185), ao enunciar os métodos descritivos, aplicados às cerâmicas medievais da Espanha Oriental, distingue um amplo leque de formas, divididas em vasos fechados, vasos abertos, vasos figurativos e objectos cerâmicos de função específica. Examina 30 tipos e estabelece, para cada um, a funcionalidade e características, englobando a noção dupla de forma/função. Pode,

no entanto, considerar-se que, dos 30 tipos descritos, 23 são bastante comuns durante o período muçulmano, enquanto que os outros se incluem já em produções que começam a desenvolver-se a partir da segunda metade do século XIII e durante o século XIV, nomeadamente nos fabricos de Paterna, Manises e Teruel.

Tendo como base principal a metodologia utilizada por André Bazzana (1979, 1980, 1986), para o estudo das cerâmicas do Sharq al-Andaluz, e à medida que avançavam as escavações e se identificavam novas formas, elaborou-se um modelo de ficha, cuja descrição e inventário, em matrizes, se anexam no volume II. No entanto, para compreender-se melhor o número que aparece associado a cada forma, na interpretação morfológica e cronológica que se segue, indica-se a correspondência número/tipo, aplicada em todos os registos, independentemente de tratar-se ou não de cerâmica muçulmana:

(**1**) - panelas de uma asa ou grandes púcaras; (**2**) - panelas de duas asas; (**3**) - sertãs ou frigideiras; (**4**) - pratos fundos ou grandes malgas (saladeiras) não vidradas; (**5**) - tigelas ou malgas vidradas; (**6**) - caçoilas vidradas; (**7**) - pequenas tigelas ou taças vidradas; (**8**) - pucarinhas (jarrinhas); (**9**) - púcaros ou pucarinhos; (**10**) - infusas, cantarinhas ou bilhas; (**11**) - jarros e jarrinhos com bico no bordo; (**12**) - potes; (**13**) - talhas; (**14**) - cântaros; (**15**) - pequenas bilhas, galhetas ou alcuzas (*redomas*); (**16**) - alguidares; (**17**) - vasos de quarto; (**18**) - tampas ou testos; (**19**) - candeias; (**20**) - fogareiros; (**21**) - trípodes; (**22**) - alcatruzes; (**23**) - bocais de poço; (**24**) - bules e aguamanis; (**25**) - tambores; (**26**) - almofarizes; (**27**) - escudelas; (**28**) - pratos com lábio desenvolvido; (**29**) - peças de jogo (malhas).

Porque a maioria das peças muçulmanas corresponde a recipientes relacionados com a iluminação e a preparação e consumo dos alimentos, faz-se uma aproximação à forma/função, a partir das nomenclaturas elaboradas por Navarro Palazón (1986) e por Rosselló-Bordoy (1994: 36-87), introduzindo apenas algumas diferenças, próprias da tradução do vocabulário castelhano ao português, pelo que me socorri também da tipologia utilizada para a cerâmica comum do período romano (ALARCÃO, 1975). Assim, optei por reunir, em vários quadros, os principais conjuntos cerâmicos de uso doméstico, do seguinte modo:

1. os recipientes de cozinha, onde se integram as panelas ou grandes púcaras de uma asa (forma 1), as panelas de duas asas (forma 2), as malgas (forma 4), as caçoilas (forma 6) e as sertãs (forma 3), peças que serviam para cozinhar alimentos, embora algumas malgas, mais pequenas, também se utilizassem como serviço de mesa;

2. os recipientes exclusivamente de mesa, com particular relevância para as tigelas (forma 5) e as taças (forma 7), habitualmente com superfícies vidradas;

3. os recipientes de cozinha e de mesa, onde se agrupam os púcaros ou pucarinhos (forma 9) e as pucarinhas (forma 8), frequentemente com vestígios de queimado aderente, que, servindo principalmente como serviço de mesa, também foram utilizados na cozinha;

4. os recipientes para armazenamento de alimentos, divididos em grandes talhas (forma 13) e potes (forma 12) de menores dimensões;

5. os recipientes para armazenamento e mesa, para exclusivo conteúdo de líquidos, nos quais podem integrar-se os cântaros (forma 14), as infusas ou cantarinhas (forma 10), para guardar e levar a água à mesa, e as pequenas bilhas, galhetas ou alcuzas (forma 15), que podiam servir para guardar o azeite das candeias ou levar o azeite e o vinagre à mesa;

6. as candeias (forma 19), contentores de fogo que serviam para a iluminação;

7. as tampas ou testos (forma 18), que serviram para tapar diversos tipos de recipientes, nomeadamente as panelas, os potes ou os cântaros;

8. finalmente, os alguidares (forma 16), recipientes que eram utilizados no serviço de cozinha e na higiene pessoal.

Uma vez seguidos os critérios de classificação acima enunciados, indicando também as designações e números de série e de tipos utilizados por Rosselló-Bordoy (1978), por Bazzana (1979) e, quando possível, a terminologia adoptada no estudo da cerâmica comum de Conímbriga (ALARCÃO, 1975), bastou ordená-los e adaptá-los a uma determinada nomenclatura, obviamente sujeita a revisão, considerando a riqueza do vocabulário português.

Em seguida, descreveram-se as especificidades funcionais dos principais recipientes que se recolheram e a terminologia árabe usada para designar os diversos tipos mais utilizados na cozinha, indicada por Rosselló-Bordoy (1991, 1994). Seguem-se as características dos tipos e variantes dos recipientes mais representantivos.

Organizaram-se quadros, com os desenhos das formas que ocorreram com maior frequência, onde se incluem os tipos, indicados pelo número da terminologia atribuída no inventário, seguidos de letras para designar as variantes. Escolheram-se, sempre que possível, as peças que se encontravam inteiras ou em bom estado de conservação. Porque o estudo foi elaborado exclusivamente a partir dos contextos estratigráficos registados nos dois *husum* do Alto Algarve Oriental e no Castelo de Salir, observam-se algumas ausências, nomeadamente de peças decoradas em corda seca total, em reflexo metálico e em esgrafitado.

Integraram-se as diferentes formas em contextos de periodização, embora nem sempre fosse possível atribuir-lhes cronologias muito precisas. Assim, porque

algumas peças recolhidas nos níveis mais antigos do Castelo Velho de Alcoutim e no Castelo das Relíquias se aproximam de formas de tradição visigótica, optou-se por incluir este período e, em seguida, o período islâmico dividido em fase emiral (séculos VIII a X), califal (séculos X e inícios/meados do século XI), reinos de taifas (século XI), almorávida (finais do século XI até à primeira metade do século XII) e almóada (segunda metade do século XII e primeira metade do século XIII).

3.4. INTERPRETAÇÃO MORFOLÓGICA E CRONOLÓGICA

3.4.1. Recipientes de cozinha

1. Panelas (*olla, marmita*): tipos 1 e 2 do inventário, série 11 de Rosselló-Bordoy, forma 5 de Bazzana e formas 21 e 22 de Alarcão.

Função e nomenclatura:

Optou-se por incluir neste grupo os dois principais utensílios que serviam para cozinhar os alimentos: as panelas ou grandes púcaras, de uma asa, definidas como a forma 22 para a cerâmica comum de Conímbriga (ALARCÃO, 1975: 35); e as panelas de duas asas. Ambas têm função especificamente culinária, para sopas, cozidos ou ensopados, e apoiam-se directamente no fogo ou sobre um fogareiro de barro.

Nos livros de cozinha hispano-muçulmana abaixo indicados, verifica-se que estes recipientes, designados maioritariamente por *qidr*, embora também pudessem chamar-se *tanyir* ou *burma*, eram os que tinham a primazia entre a utensilagem doméstica. Por exemplo, o *qidr* aparece citado em grande percentagem: 43,32%, no *Kitab al-tabij*; 40,68%, na *Fadalat al-jiwan* (ROSSELLÓ-BORDOY, 1994: 42). Também entre os vestígios arqueológicos se constata este predomínio, conforme documentam os gráficos percentuais dos registos cerâmicos recolhidos nos castelos escavados no Algarve Oriental.

Características:

Este grupo de recipientes, conforme os registos efectuados, apresenta sempre uma abertura da boca menor do que o diâmetro do bojo. Os colos podem ser, ou não, diferenciados; têm, quase sempre, uma ou duas asas; o corpo é globular, ovóide ou quase bitroncocónico e o fundo plano ou abaulado.

Variantes:

1A. - integra o grupo das panelas ou grandes púcaras de uma asa. Foram registadas no Castelo Velho de Alcoutim e no Castelo das Relíquias,

maioritariamente nas camadas mais antigas. Caracterizam-se por bordos boleados ou cortados em bisel e com inflexão externa. Mais raramente, têm um sulco interno, em barbela, de modo a poder ajustar-se a uma tampa. Os colos são curtos, em ligação contínua para o bojo, ovóide, apresentando o típico perfil em S. Os fundos são planos, normalmente mais espessos e irregulares na ligação com a parte inferior do corpo. A asa, oval, quando conservada, parte sempre do bordo e termina a meio do bojo. Pertencem a fabricos grosseiros, provavelmente a torno baixo (torneta) e de rotação lenta e intermitente, obtendo-se paredes de espessura irregular, com vestígios dos dedos do oleiro, principalmente na superfície interna. As superfícies externas são rugosas ou apenas levemente alisadas, sem decoração.

2A - Pertence ao conjunto das panelas com duas asas. Formas com perfil em S como as anteriores, apresentam, maioritariamente, um bordo boleado com inflexão externa, por vezes de perfil quase triangular e, raramente, com sulco interno para a tampa. O colo é ainda curto, em ligação com o ombro; o corpo é ovóide ou globular e o fundo, plano. Possuem duas asas, umas ovais outras mais aplanadas, que partem sempre do bordo e terminam no ombro ou na parte mais alta do bojo. São habitualmente fabricos grosseiros, notando-se irregularidades nas espessuras das paredes e vestígios dos dedos do oleiro, no alisamento das superfícies. Algumas, apresentam, no entanto, um fabrico mais cuidado, a torno alto. Podem possuir também o colo um pouco mais diferenciado e um sulco ou uma moldura na ligação com o ombro.

2B - Caracterizam-se por uma maior variedade de tipos de bordo: triangulares, com inflexão externa; boleados, direitos ou com leve esvasamento; adelgaçantes ou em bisel, também direitos ou ligeiramente inflectidos para o interior. O colo é diferenciado, de perfil curvo-convexo ou levemente inclinado, por vezes com um sulco na ligação com o corpo, de perfil globular ou ovóide. O fundo é normalmente plano. As asas, praticamente fitiformes ou com estrangulamento central, partem do bordo, logo abaixo deste, ou quase a meio do colo. Os fabricos, a torno alto, são idênticos aos dos grupos seguintes e também podem ter decoração pintada, com traços ou dedadas a branco, no corpo, no bordo ou nas asas.

2C. - Têm quase sempre um bordo esvasado de perfil triangular, mais ou menos acentuado; um colo diferenciado, normalmente de perfil curvo ou oblíquo; corpo acentuadamente globular e o fundo plano ou ligeiramente abaulado. As duas asas, quase planas, fitiformes, ou com leve estrangulamento longitudinal, partem do bordo e terminam a meio da pança. Os fabricos são cuidados, a torno alto regular, com paredes pouco espessas. O corpo tem habitualmente caneluras: no ombro; a meio do bojo; ou desde a ligação do colo até à parte média ou

inferior do bojo. Podem, ainda, possuir restos de decoração pintada no corpo, com traços ou pinceladas de cor esbranquiçada.

2D - São peças com bordos variados: espessados, com lábio plano ou oblíquo; boleados direitos ou com inflexão externa; adelgaçantes ou em bisel. O colo, bem diferenciado, pode ser curto, de perfil curvo-convexo, ou alongado, de perfil quase direito. O corpo é globular, por vezes acentuadamente convexo, ou quase bitroncocónico. O fundo é sempre abaulado. As asas, aplanadas ou fitiformes, partem do colo ou do ombro e terminam na parte alta do bojo. Pertencem, como na variante anterior, a peças com paredes pouco espessas, fabricadas a torno alto, com boa cozedura e superfícies bem alisadas. Apresentam habitualmente decoração: caneluras no colo e/ou no bojo; traços de pintura no corpo.

Periodização:

As variantes 1.A e 2.A devem considerar-se, pelos achados no Algarve Oriental, como uma evolução de alguns protótipos peninsulares mais antigos, nomeadamente de fabricos a torno baixo de rotação incerta, com ou sem asas, neste caso podendo servir também como potes. Estão amplamente documentados em contextos visigóticos e emirais, nas típicas formas com perfil em S, mas continuaram a produzir-se, embora certamente com variantes de fabrico a torno alto, durante o califado e os inícios dos reinos de taifas, para desaparecerem nos períodos seguintes. São formas praticamente exclusivas nos registos do Castelo Velho de Alcoutim e do Castelo das Relíquias, incluindo fragmentos que não teriam ou não conservaram a asa.

As panelas ou púcaras com uma asa, embora de maiores dimensões, têm perfil semelhante aos pequenos púcaros com perfil em S. Têm paralelos em peças datadas de inícios do século VIII, provenientes de Bovalar, Lérida (C.E.V.P.P., 1991: fig. 9. 1 a 3), por vezes com decoração incisa no ombro; do período emiral são as de Saragoça (GALVE IZQUIERDO, 1988: 248, FIG. 7. 20); e do século IX as recolhidas em Arcávica, Cuenca (ÁLVAREZ DELGADO, 1989: 111, fig. 1. 23 e 25). São idênticas a exemplares de Badajoz, onde dominam as pastas e superfícies pardas (VALDÉS FERNANDEZ, 1985: 102, 119, fig. 7. 1-2); às registadas no Cerro da Vila, Vilamoura, com traços de pintura no bojo (MATOS, 1991: 430, 439 nº 0060); às de Mesas do Castelinho, Almodôvar (FABIÃO e GUERRA, 1991: fig. 6.4 e fig. 7.2); e a peças de Mértola, datados dos séculos X/ /XI (TORRES, 1987: 1).

As panelas do tipo 2.A, de colo curto, perfil em S e duas asas, têm também amplos paralelos, nomeadamente em Conímbriga (ALARCÃO, 1975: pl. XLVII, nº 870), num exemplar recolhido no Forum IV, datado do século V. Aproximam-se da forma A definida por Gutierrez Lloret (1988: 196-197, 216) e, as de fabrico manual/torno baixo, aparecem em contextos principalmente dos séculos VII e